

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

**As manobras anti-operárias de
 Marcelo Curto, Salgado Zenha e
 Walter Rosa chegaram à SANIMAR**

Recebemos da Comissão de trabalhadores da SANIMAR o comunicado que a seguir transcrevemos.

Num plenário realizado em 24/10/75 pelos trabalhadores da SANIMAR, foram eleitos 5 trabalhadores para a Comissão de Gestão da Empresa.

Como em todos os rebanhos, há sempre uma ovelha ranhosa. Na SANIMAR encontram-se alguns elementos afectos ao ex-patrão e desde sempre se tem empenhado em lutar descaradamente contra os trabalhadores, quer bicotando os serviços porque são responsáveis: Setor de vendas do Exterior; Vendas do Balcão; Escritórios; Telefone e Corranças, quer instando junto do Ministério do Trabalho na pessoa de MARCELO CURTO, que desde a primeira hora os apoiou inclusivamente na elaboração de um despacho interno pedindo a intervenção do COPCON na desocupação da Empresa, alegando que a mesma havia sido ocupada selvaticamente pelos trabalhadores das fábricas. Visava ainda este despacho o descongelamento da conta bancária proporcionando ao ex-patrão o levantamento do dinheiro dos trabalhadores para bancos Suíços onde já tem muito.

Não sendo bem sucedidos nos seus intentos, dada a firme posição dos trabalhadores, encetaram estes lacaios uma greve (contra os seus colegas de trabalho) que durou seis semanas.

Após estas seis semanas sem trabalhar, recomeçaram a laboração com um visível boicote às vendas e outros serviços fundamentais, no intuito de provocar a queda da empresa, (para o que já vinham anunciando falência previamente). Os vendedores lacaios, informam os clientes que não há material para vender.

Todavia, prosseguindo as regras de controlo operário, os trabalhadores descobriram armazenados clandestinamente em Setúbal e no Barreiro, material avaliado em cerca de 6.000.000\$00 (seis mil contos). Enquanto isso, na Rua Domingos Sequeira, 42-B elementos afectos ao ex-patrão abrem uma loja para nos fazer concorrência.

Não estaremos certos ao suspeitar que o material armazenado se destinava a esta loja dos NOVOS PATRÕES?

A pedido da Comissão de Trabalhadores o Secretário de Estado dos Investimentos Públicos e o Secretário de Estado da Indústria Ligeira por despacho de 23/1/76 nomearam para gestor público o Presidente da Comissão de Gestão, Eng. Alfredo Gonçalves Duarte Pacheco, pensando os trabalhadores que os problemas se resolveriam. Mas as ovelhas ranhosas não desistiram.

FAMÍLIA REPRESSÃO REPRESSÃO DA FAMÍLIA

EDITORIAL - pag. 3

NO SUPLEMENTO:

ABORTEI!

RESPOSTA AO PROGRAMA RTP

MULHERES E REFORMA AGRÁRIA

ÍNDIA: ONDE AS JOVENS SÃO COMPRADAS E VENDIDAS
 E O ABORTO UM CRIME



NOVO RUMO

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO METALÚRGICA
 S.C.A.R.L.

TEL. 611448-612094

DA LUTA A CONSCIÊNCIA COLECTIVA

Como vamos hoje a publicar uma entrevista com dois trabalhadores da COOPERATIVA NOVO RUMO - Metalúrgica com 121 trabalhadores, situada em Pedrouços (Lisboa).

Nesta primeira parte abordamos os aspectos internos da cooperativa: gestão, nível das decisões, controlo dos trabalhadores, organização do trabalho; em resumo, as principais diferenças entre a antiga situação - com gestão do patrão - e a actual situação controlada pelos trabalhadores.

Na segunda parte, que publicaremos no próximo número, discutiu-se o papel das cooperativas na transformação da sociedade, no combate ao capitalismo. Nesta parte, os trabalhadores falam sobre a Coordenadora das empresas em autogestão e cooperativas da Metalomecânica Ligeira em formação, e o esforço que tem feito para a unificação das cooperativas e empresas em autogestão deste sector na tentativa de resolução em comum dos problemas que as afectam.

DO PATRÃO À COOPERATIVA QUE DIFERENÇAS?

COMBATE - A primeira pergunta que eu gostava de fazer era sobre aquilo que vocês acham que foi a evolução da fábrica desde o tempo do patrão até agora: se o seu funcionamento interno se modificou em alguma coisa, o que

acham melhor actualmente e qual o significado disso.

Trabalhador A - Como já sabem faz precisamente este mês um ano que o patrão (Cont. nas p. centrais)

DORSIL-Regressamos

Mas Impusemos Condições

Iniciámos no número anterior a publicação de uma entrevista com alguns operários da DORSIL - empresa de construção civil. Aí se analisaram as origens da luta, iniciada há mais de um ano e meio, que culminou com uma greve iniciada no dia 25 de Fevereiro. As reivindicações são de carácter económico (Ver COMBATE nº37).

A greve terminou no dia 9 de Março sem que qualquer das reivindicações fosse satisfeita. Porém, como os próprios operários afirmam, a greve terminou por enquanto, mas a luta continua. O que se passou entretanto?

A administração da DORSIL recebeu uma carta da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ameaçando que se os operários não regressassem ao trabalho até ao dia 10 de Março, o contrato seria rescindido e fariam novo contrato com outro empreiteiro (Conluio do patronato com organismos do aparelho de Estado para sabotarem as lutas operárias?). Perante esta imposição os operários fizeram um plenário, no dia 8 de Março, onde analisaram as consequências que adviriam para os próprios operários se não regressassem ao trabalho. Isto é, ficariam no desemprego. Nesse plenário, por proposta do sindicato, ficou aprovado o regresso ao trabalho nas seguintes condições: pagamento integral dos dias de greve; satisfação das reivindicações durante 60 dias da seguinte forma: pagamento de 1500 escudos nos dias 25 de Março e de Abril e depois novas negociações para os outros pagamentos; formação de uma Comissão de Inquérito que formalize o controlo operário na empresa; no caso da entidade patronal não cumprir estas exigências, os operários estudarão novas formas de luta, incluindo a greve.

É de realçar que o patrão tem-se recusado a negociar, utilizando para isso vários subterfúgios: que está de cama, que deu mesmo baixa numa clínica, ou afirma que não pode pagar porque a empresa está quase na falência.

Agora com o controlo operário os trabalhadores pensam demonstrar o contrário, vão manter vigilância sobre todos os contratos da empresa, da facturação e toda a escrituração em geral. Os trabalhadores afirmaram-nos que o patrão não vai ceder a estas imposições pois "não pode compreender que os operários, através da sua comissão de Inquérito, possam controlar toda a movimentação da empresa" e já há indícios que dentro em breve voltarão à greve, pois só no dia 12 de Março pagou parte dos ordenados de Fevereiro.

Segue-se a continuação da entrevista iniciada no último número, realizada quando os operários ainda se encontravam em greve.

Os do escritório não aderem.

COMBATE - E a malta que trabalha nos escritórios? Onde é que são os escritórios da empresa?

Trabalhador C - Os escritórios são na Rua Possidónio da Silva, 101, 1ª em Lisboa.

COMBATE - E esses também estão em greve?

Vários - Esses não. Esses são sócios da firma. A maior parte deles são da administração.

Trabalhador B - Os do escritório não aderem; nem os da oficina, porque eles são trabalhadores antigos. Dentro da oficina há 13 ou 14 trabalhadores e 6 encarregados. Os 6 encarregados ganham 56 contos, enquanto que o resto dos trabalhadores não ganham isso. É uma média de um encarregado por 3 trabalhadores.

No escritório passa-se quase a mesma coisa. Há um moço para ir buscar o café, há um que é accionista, há um reformado, há um primo (é o tal alferes Carlos Costa), há a patroa que é também administradora apesar de ser também de quatro empresas, mas vai lá dizer à nossa firma que é pobre, coitada, mas os dois vão lá todos os meses buscar 26 contos. Para isso não está pobre!

É uma firma que tem umas 120 pessoas, mas em escritórios e encarregados há aí umas 40 pessoas, depois nós é que temos de ganhar para todos. A firma está mal porque é nas obras que se tem de ganhar para as oficinas e para os escritórios. Não dá!

Ele diz que não tem dinheiro para pagar a malta, mas nós nunca vimos o Alfa Romeo dele parado, nunca vimos as cowbois lá em casa pararem. Continuam a ir ao terreno buscar cabritos para o fim

de semana, para as festas, que há aí provas disso. A senhora tem Peugeot, tem andares, tem tudo. Isso não interessa para a gente... Eles já sabiam da nossa luta há uma semana. Ontem chegou aqui, e então o habitual, a lágrima no olho, a dizer que já toma não sei o quê para os nervos, as pílulas, não sei quantos... Depois, chegou ali ao pé de um operário "Vocês estão aqui a manipular os operários para não trabalharem", e virou-se para um e disse: "Não foi para você que puxaram por uma navalha, para o obrigarem a não trabalhar?" "O fulano muito atrapalhado porque era mentira, disse: "É mentira". Ele pensou e disse: "Ah! então é outra pessoa". Depois, ainda não estava satisfeito, virou-se para mim e para um irmão meu e disse: "E vocês operários, andam a roubar a classe operária, andam para aí a roubar tintas de uma obra". Quando isso é tudo mentira, que nessa obra nem há tintas, toda agente sabe... Tentou fazer a divisão, mas depois viu o povo a aproximar-se aos gritos histéricos dela, e ela fugiu até hoje nunca mais apareceu, e não há nada de respostas.

Entretanto nesse mesmo dia tentou levar dois operários daqui para outra obra, para dividir o pessoal. Eles não foram. Hoje voltaram à carga outra vez para levar cinco indivíduos para outra obra. Mas sem efeito. O pessoal está unido e daqui não sai ninguém. A nossa luta continua, estamos todos unidos nela e não vamos nessa luta deles.

Hoje já tentámos falar com o Sr. Ministro das Obras Públicas, Sr. Veiga de Oliveira, que ficou a tratar o caso com a entidade patronal. Estes disseram que não estavam, que tinham ido para Setúbal e ontem à gente disseram que ele estava doente - doenças de dinheiro, não é?

A nossa luta continua; enquanto ele não pagar não trabalhamos. A paralisação é total dentro das obras. A nossa luta consiste em retroactivos e quando saiu o nosso Contrato Colectivo de Trabalho que eram 45 horas semanais ele obrigava o pessoal a trabalhar 48. "Isto tem que ir para a frente, o horário ninguém o muda, e é 48 horas que vocês vão trabalhar". Mas como o Contrato foi para a frente com as 45 horas, ele deve essas horas ao pessoal. Mas desse dinheiro nem fala...

Quanto ao subsídio de férias já há longos tempos ele dizia "em Agosto isto melhora, e pago". Chegou Agosto e para Outubro; em Outubro não pagou e até hoje. Ora a gente vê que estamos em Fevereiro, estamos a entrar na época de férias, temos esses vencimentos por receber, mais o 13º mês e a desculpa é sempre a mesma "não há dinheiro". Nós é que continuamos a receber em Novembro sete dias e meio de Outubro, em Novembro levamos mais 1.500\$00, em Dezembro 2.500\$00, levamos mais 1.500\$00 na véspera do Natal (e nem foi para todos), e o mês de Janeiro recebemos aos bochechos durante Janeiro. Entretanto, aqui entre o pessoal falamos que se o mês de Janeiro não fosse pago, (estávamos mais ao menos a 10 de Fevereiro), que nós paralisávamos. Isto chegou aos ouvidos dele, e ele, talvez com um bocadinho de vergonha, lá fez o primeiro empréstimo da vida dele: 750 contos. Pagou o mês de Janeiro no dia 14 de Fevereiro, convencido que adoçava a boca à gente, mas como nós já estamos fartos de doces e de lavagens ao cérebro deles, já não vamos nisso. Então fizemos o seguinte: demos uma semana para ele nos pagar o que nos devia, porque isto já vem de muito longe. Demos oportunidades de tudo: prestações de dois dias, três dias, um mês, subsídios, tudo... não quis. Então a nossa luta agora é esta: PARALISAÇÃO TOTAL, logo que ele pague o 13º mês e o subsídio de férias nós começamos a trabalhar, porque a gente quer é trabalhar, mas com as regalias sociais a que temos direito.

COMBATE - Os camaradas que estão em Tróia ou que estão nas outras obras também estão paralisados?

Todos - Todos paralisados.

COMBATE - Os contactos entre vocês e os camaradas de outras obras fazem-se através dos locais de habitação comum... Vocês não consideram que por este processo o patrão pode tentar a divisão entre as diversas obras? Pagar aos outros e não pagar aqui e os que receberem virarem-se contra vocês. Ainda não pensaram num contacto permanente entre vocês, para discutirem em conjunto as coisas que vão aparecendo?

Trabalhador B - Está a acontecer isso. Na obra de Algés está a trabalhar um funileiro (metalúrgico) que não adere, e a gente não o obriga, para depois não virem dizer que a gente obriga o pessoal a aderir. O resto do pessoal aderiu todo e está aqui junto de nós. Em Tróia toda a gente aderiu...

(Cont. p. 6)

Editorial

COMBATE

ano. 3 19/3/76

FAMÍLIA - REPRESSÃO REPRESSÃO da FAMÍLIA

Não pode haver uma organização social comunista num país em que a organização da produção seja capitalista. A organização social está intimamente ligada às necessidades do modo de produção predominante. É assim que a família é um dos pilares do capitalismo e está estruturada de forma a servi-lo.

A família tal como a conhecemos hoje (restringida ao casal e aos filhos), apareceu com a desintegração da grande família como unidade de produção, que existia no feudalismo. Quando o trabalhador abandona a terra e a esfera familiar, e vai trabalhar na manufatura por um salário, a sua subsistência deixa de depender da produção familiar (se bem que esta continue a ter um papel importante durante muito tempo, quando o desenvolvimento das forças produtivas é fraco. Veja-se, por exemplo em Portugal, ainda hoje, em certas regiões sobretudo no norte do país, os operários possuem, na sua grande maioria, uma pequena propriedade, sendo os salários na fábrica estabelecidos partindo dessa base, ou seja que parte da subsistência dos operários é assegurada pelo que retiram das terras que têm). O trabalhador emancipa-se da família, onde a produção se organiza com vista pura e simples da reprodução.

Também o papel da mulher na sociedade se modifica. No feudalismo quase todas as tarefas lhe são atribuídas (agricultura, confecção de vestuário, tecelagem, etc.); o desenvolvimento do capitalismo acentuando a divisão do trabalho e as trocas também produziu uma maior divisão do trabalho entre os sexos. A mulher ver-se-á cada vez mais relegada aos trabalhos dentro de casa; progressivamente o trabalho das mulheres perde o seu carácter social, para passar a ser doméstico, privado.

A família deixa de ter significado económico, no sentido de que deixa de ser uma célula produtiva, para ter funções fundamentalmente ideológicas. A família é ainda a instituição que permite a durabilidade das propriedades particulares para além da curta duração dos ciclos da vida, através da herança. Toda a forma de exploração implica a apropriação dos meios de produção por uma parte restrita da população. A família possibilita a passagem de uma mesma propriedade particular de indivíduo para indivíduo. Mas a função ideológica da família é mais importante: a família perpetua as diferenças sociais dos indivíduos mesmo antes da inserção destes na produção, ou seja a sua classe já está marcada à nascença. É através da família que se faz a reprodução das relações sociais. Por outro lado, as relações sociais da produção reflectem-se na família: hierarquia, autoridade do chefe, obediência e respeito dos que lhe estão subordinados. A família é assim um factor de estabilidade da sociedade capitalista e de controlo da força de trabalho: desenvolve nas crianças a submissão e obediência à autoridade (o pai ou a mãe); a mulher por sua vez obedece ao marido e a opressão que o operário sofre na fábrica é descarregada nos outros membros mais fracos da família, seguindo a hierarquia autoritária. A família serve assim como instituição para disciplinar e dividir a força de trabalho. (NOTA)

Mas a família no sistema capitalista tem ainda uma função de reprodução da força de trabalho: pela produção de mão de obra (é de notar que o controlo demográfico é feito pelo Estado consoante as necessidades da produção); pela reprodução da força de trabalho no seu dia a dia, através do trabalho "invisível", ou seja, o trabalho doméstico, não pago pelo capitalista. Este aspecto torna-se importante, porque não sendo o salário do operário suficiente para pagar a sua reprodução (alimentação, lavagem da roupa, educação dos filhos, etc.), esta é feita dentro da família, aparecendo o trabalho doméstico para ajudar a manter os salários baixos.

Mas a necessidade que o capitalismo tem do trabalho doméstico está em contradição com a necessidade da força de trabalho feminina na produção. Assim, quanto maior for a necessidade de mão de obra feminina tanto mais infraestruturas sociais o Estado se encarrega de criar e quanto menor for essa necessidade maior serão os apelos ao reforço da família.

Nos princípios do capitalismo, durante a primeira revolução industrial, a procura de força de trabalho era tão grande que se recrutavam não só mulheres como crianças. O trabalho doméstico passou a ser comercializado (pagavam-se a jovens e a mulheres idosas para guardar as crianças e fazer as limpezas da casa, enquanto as mães trabalhavam nas empresas).

O desaparecimento do carácter privado do trabalho doméstico provocou uma grande instabilidade da família na classe operária. Mas a mecanização crescente do processo produtivo redu-

zindo a procura de força de trabalho, ao mesmo tempo que provoca um aumento dos salários reais, levou de novo à fortificação da família.

Por outro lado na Suécia actual, uma grande procura da força de trabalho feminina (devido, entre outras coisas, a uma demografia baixa e a uma falta de mão de obra rural de reserva) provocou a generalização dos serviços socializados no domínio tradicionalmente reservado ao trabalho doméstico.

Nas épocas de boom capitalista, tal como o quarto de século que se seguiu à segunda guerra, há uma expansão dos serviços sociais: creches, restaurantes baratos, cantinas, lavandarias, alimentação semi-preparada, etc., que acompanham uma elevação dos salários reais (necessidade de comprar mais mercadorias) e uma procura crescente de mão de obra feminina.

As mulheres constituem assim mão de obra de reserva, a que o capitalismo recorre em alturas de maior desenvolvimento; em todas as outras alturas, o regresso da mulher ao lar aparece com um reforço da estrutura familiar.

O reforço da família enquanto instituição anda a par com a moralidade nas relações sociais e a repressão sexual. Impõe-se que a família seja a única instituição onde se realizem as relações sexuais, apesar da consciência social de que estas, como função, dispensam qualquer aparelho institucional para serem realizadas. É assim que em nome da moral tradicional se ataca a pornografia. É o que se passa em Portugal com a recente lei sobre a restrição da exibição da pornografia.

Portugal foi, após o 25 de Abril, o único país onde a pornografia era vendida livremente, em plena rua. A pornografia tornou-se popular. Criou-se, assim, um forte factor de dissolução da moral tradicional. A recente lei, dentro do sistema democrático que consiste em proibir de facto sem proibir formalmente, decidiu restringir a venda de pornografia a locais a isso reservados (as sex-shops) conotados de imoralidade e, sobretudo, de antro de ANORMAIS. Deste modo pretende-se algo de muito mais eficaz do que a proibição pura e simples. Pretende-se desenvolver o sentimento de culpa por parte dos compradores. Ou seja, aquele que compra a pornografia fá-lo porque, consciente ou inconscientemente, sente o peso das normas sexuais repressivas; com a lei actual pretende-se que aqueles que sentem esse peso se considerem a si próprios - ou sejam

considerados pelos outros - como anormais; daqui resulta, obviamente, que a moral repressiva é reforçada porque admitida como a normal.

A luta dos produtores contra a família na constituição do modo de produção comunista deve além de libertar as relações sexuais, destruir as suas funções ideológicas, destruir os quadros educacionais familiares e proceder à educação comunitária das crianças.

NOTA - Também nas sociedades de capitalismo de Estado, como na Rússia, na China, etc., a família não desapareceu, antes se reforçou. Na URSS, nos tempos que se seguiram imediatamente à revolução de 1917, tudo fazia crer que a família ia estoirar. Mas o triunfo do capitalismo de Estado não permitiu que tal acontecesse. Nestas sociedades os capitalistas de Estado, os gestores - classe privilegiada nesta forma de propriedade dos meios de produção - vem na família a melhor estrutura para reproduzir os privilégios de classe, através da educação.

O mesmo acontece com os vários candidatos a capitalistas de Estado, que já nas estruturas que criam antes de possuírem o controlo do aparelho de Estado - os PARTIDOS - reproduzem e perpetuam a instituição família. A disciplina partidária, um dos pilares da preservação dos partidos, encontra um bom suporte na família. Vemos em Portugal que os partidos políticos (e não só em Portugal) não só conservam a instituição família como, alguns condenam completamente as relações sexuais fora do aparelho familiar.

FORÇAS DA GNR E DA PSP INTERVÊM NA SANIMAR

Forças da GNR e da PSP intervieram ontem, de manhã e à tarde, na Sanimar, a fim de selarem as instalações da empresa. Em consequência dessas intervenções alguns trabalhadores sofreram ferimentos e um deles foi preso. A GNR e a PSP alegaram cumprir um despacho conjunto da Secretaria de

Estado do Trabalho e dos Ministérios da Indústria e das Finanças, que determinava o encerramento provisório da empresa.

(o diário 17 de Março de 1976)

COMUNICADO

COOPERATIVA NOVO RUMO: UM ANO DE LUTA

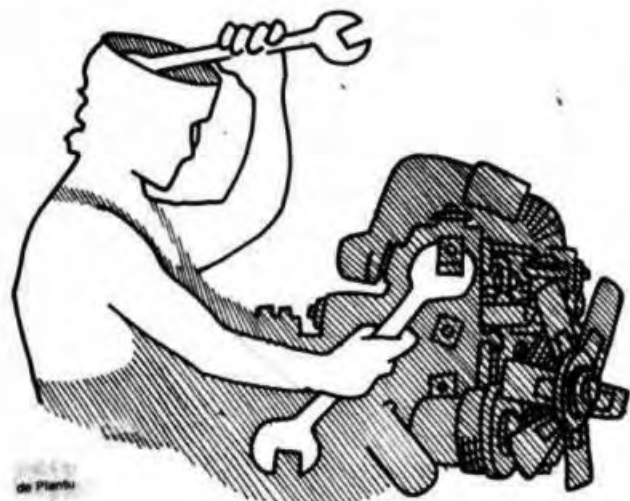
(Continuação da p.1)

se foi embora. Muita coisa aconteceu de lá até agora, até porque como não podia deixar de ser as pessoas, muitas delas, não estavam preparadas para a luta; houve necessidade de as consciencializar por meio de mini-comícios, de informações de placard... Enfim, todo um sem numero de coisas que se fez ao longo de todo este tempo. Mas o que efectivamente eu não nas pessoas é que dá-me a impressão que elas trabalham com mais vontade do que dantes. Dantes não acontecia até porque andavam mais deprimidos, andavam oprimidos e até às vezes eram reprimidos. Agora as pessoas andam mais alegres, mais à vontade, sabem aquilo que trabalham e para quem trabalham - que é precisamente para eles e também têm a consciência já, grande parte deles, que se não trabalharem e se não houver dinheiro não têm dinheiro para levarem. E é precisamente a partir desse trabalho, a partir de todo esse esforço que temos feito ao longo deste tempo que as pessoas na luta, no dia a dia se consciencializam mais e dão todo por tudo do seu melhor esforço.

Há outro aspecto que eu ainda gostava de focar que é o aspecto social, que é talvez o mais importante. Actualmente quando um sócio da cooperativa se sinistra, vai para o seguro; a cooperativa repõe a diferença do vencimento que ele recebe do seguro até prefazer o seu levantamento total (que normalmente fazia se estivesse a trabalhar), coisa que não acontecia no tempo do patrão. Estamos a pensar inclusivamente no aspecto da reforma dos sócios produtores (aliás todos os nossos sócios são produtores, não temos cá empregados). Estamos a pensar no caso de algum deles ser reformado, a cooperativa também lhe pagar a diferença do ordenado para continuar com o que tinha à data da saída, incluindo no grupo em que estava quando foi reformado. Portanto, a cooperativa paga-lhe a diferença do ordenado entre o que a caixa lhe dá de reforma e o que ele ganhava se cá estivesse.

Melhorámos o refeitório, as pessoas comiam numas mesas um bocadinho toscas, fizemos uma mesa larga, que não é ainda aquilo que pensamos, mas de momento foi aquilo que foi possível fazer. Temos também dois quartos de hora de descanso por dia, um de manhã, outro à tarde. Estamos ainda a pensar fazer aqui num terreno ao lado, duas casas pré-fabricadas, uma para vestuários e outra para refeitório. Para isso já contactámos a Câmara, já celebrámos um contrato escrito e estamos só à espera que a Câmara também o assinem (esperamos que se efectue amanhã ou depois) para que nos seja alugado o terreno para fazermos isso. No aspecto de trabalho há também um aspecto que eu queria focar: o aspecto de relações de trabalho entre o responsável pelo sector e os indivíduos que trabalham, que colaboram nesse sector. É que dantes o encarregado era olhado como um capataz, como que o representante do patrão naquele local de trabalho. Ora isso agora não acontece na medida em que as pessoas que integram esse sector, quando da formação da cooperativa, classificaram-se e eles mesmo e ao nomearem um indivíduo para o lugar número um, automaticamente estavam a indicar o responsável pelo sector. O responsável no aspecto técnico,

no aspecto fabril, no aspecto de produção. Não naquele aspecto, como dantes era olhado, como chefe. Esses indivíduos agora aqui são camaradas mais responsáveis, que terão perante o órgão responsável da cooperativa - a direcção - de responder pelos trabalhos efectuados ou não efectuados.



Há outro aspecto que eu queria ainda focar de alguns elementos, note que ao longo de todo este tempo nem tudo foram rosas, houve muitos espinhos pelo caminho e ainda os há, na medida em que 48 anos de uma má educação e de uma má formação não se podem retirar do espírito de muitas pessoas num período pequeno, como um período de um ano. Ainda continuamos às vezes a ter problemas. Na grande maioria são indivíduos já mais ou menos consciencializados. Até porque esta coisa de revoluções, esta coisa de ser muito revolucionário sem que nós tenhamos um bocadinho de experiência dela passar mesmo por nós e até para focar um termo que é muito empregue por um camarada nosso, a revolução passa primeiro pelo estômago. A grande maioria dos trabalhadores portugueses a seguir ao 25 de Abril preocupou-se em querer ganhar mais e cada vez mais e mais aqueles que sempre ganharam mais nas grandes empresas. Esqueceram-se por vezes que quem paga esses aumentos são aqueles que sempre foram os mais desfavorecidos, embora pertencentes à mesma classe, mas trabalhando nas pequenas empresas. Estou convencido que se esses trabalhadores estivessem três meses sem receber ordenados, como nós estivemos, talvez não fizessem as reivindicações que fizeram, talvez tivessem uma maior consciência colectiva, talvez não pensassem que o seu problema é o que tem de ser resolvido e já, e é aquele que lhes interessa. Depois do seu problema estar resolvido os outros que se resolvam... Acho que há uma coisa muito importante que faltou aqui, foi a unidade, a falta de unidade de muitas empresas. Mas unidade a todos os níveis, tanto no aspecto técnico como fabril, como ideológico. A unidade faltou e foi uma das grandes causas da revolução ter andado um passo grande para trás.

Trabalhador B - A nível da cooperativa nem toda a gente estava preparada para encarar o cooperativismo a sério e até não é de admirar. Quando é que a mim me falaram de cooperativismo a sério? Eu via muitas cooperativas, não haja dúvidas, antes do 25 de Abril. Mas a que nível? A nível burguês, nem eu conheci mais nada, pelo menos a nível de cooperativas. Agora sim, tive conhecimento na verdade como encarar uma cooperativa a sério.

Trabalhador A - Eu queria só acrescentar

tar aqui ao que o meu colega disse, quando ele fala em burguês, ele talvez não tivesse exprimido bem a ideia. A ideia dele deve ser esta: é que o patrão foi-se embora e nós agora somos os donos disto, somos nós os patrões. Mas isto não foi transformar um burguês em 121 burgueses, não. A malta trabalha, tem a consciência de que de acordo com o que há - porque quando não há não se pode ir buscar - cada um leva a parte que lhe pertence de acordo com a produção que efectuou e dentro da medida do possível, um levantamento para fazer face à vida, para fazer face à inflação para levar uma vida mais ou menos digna para que possa viver com o mínimo indispensável (porque o que a cooperativa tem no seu global não é todo distribuído por

GESTÃO DA FÁBRICA: GESTORES OU DEMOCRACIA OPERÁRIA?

COMBATE - Vocês disseram que correram com o patrão, mas não se transformaram em 121 burgueses. O que é certo é que na organização da vossa cooperativa existe uma direcção. Existem pessoas que orientam o trabalho e fazem a gestão da fábrica, que antes eram tarefas do patrão. O que eu queria perguntar era se vocês, enquanto direcção, são encarados como novos patrões aqui dentro pelos restantes trabalhadores ou, se pelo contrário existe um empenhamento de todos os trabalhadores na gestão desta empresa, se há conhecimento geral do que se está a passar dentro da empresa e se todos eles se sentem a participar na gestão e na produção desta empresa.

Trabalhador A - Há uma rectificação que eu queria fazer: é que nós não corremos com o patrão. O patrão é que se foi embora sem que ninguém o tivesse mandado embora. Nós a princípio até o queríamos ajudar e até estávamos a cair num grande erro que era o querermos entrar em cogestão. Não sabíamos nada o que isto era (aprendemos depois) e alertaram-nos depois que isso era um grande erro, porque nós ao entrarmos em cogestão estávamos a tomar a responsabilidade das dívidas que o capitalista fez. Ora isto nós nunca quisemos e nunca esteve na nossa mente pagarmos as dívidas que ele fez, mas sim tentar sempre na medida do possível salvaguardar os nossos postos de trabalho e consequentemente as famílias dos trabalhadores que cá trabalham. Sempre foi nosso ponto de honra salvaguardar os nossos postos de trabalho, até porque nós entendemos que é na fábrica junto aos nossos postos de trabalho que lutamos pela manutenção deles e não é aceitar o despedimento passivamente e depois fazer manifestações contra o desemprego e outras coisas que se têm visto por aí.

Quanto aos elementos que compõem a direcção e como é que são vistos pelos camaradas e qual a informação que nós damos aos nossos camaradas, queria referir que isto é uma cooperativa operária, portanto com total controlo pelos trabalhadores. Não só nós fazemos comunicados, damos informações, pomos mensalmente o balanço da caixa num quadro que temos lá dentro e que tem uma luz vermelha - sempre que há qualquer coisa de novo, acendemos a luz para todos os camaradas ficarem a saber qual é a situação financeira e económica, no momento, da empresa. Eles quando chegam ao fim do mês já sabem se há dinheiro ou não para os levantamentos. Outra coisa ainda que eu queria frisar é o seguinte: temos uma

brigada que trabalha em Lisboa e outra Vila Franca e temos uma secção de cromagem em Tires. Sempre que há comunicados, informações da direcção, sempre que são elaborados os balancetes, vai uma cópia para cada um desses grupos. Todos os sócios estão permanentemente informados do que aqui se passa. Para que vocês vejam que a direcção não chama a ela o monopólio de todas estas andanças, de todos estes passos, vou dar-vos um exemplo: nós fazemos parte actualmente da Coordenadora das Cooperativas e Empresas em Autogestão, temos tido reuniões regulares e têm sido outros camaradas que vão - vão sempre dois camaradas, nunca são os mesmos, cada um só vai lá duas vezes. Aquele que faz a segunda vez quando é para ir a terceira já não vai, vai outro e assim sucessivamente, para que eles estejam sempre dentro do assunto e para que possam encarar duma maneira mais global o que é esta coisa da autogestão, o que é esta coisa de gerir empresas em autogestão e cooperativas.

Há bocadinho perguntou se os sócios viam os elementos da direcção os novos patrões. Bom, isso nunca aconteceu. Às vezes tem havido, até inclusivamente eu por exemplo, já tenho feito esta observação: mas afinal vocês isto, vocês aquilo, quando eu próprio me estou a excluir e quando estou lá metido em toda a organização, em todas as posições que se tomam, sempre que se faça alguma coisa é em nome de todos.

Por exemplo, nós estamos filiados na Federação das Cooperativas de Produção e pertencemos à Coordenadora das Cooperativas e Empresas em Autogestão da Metalomecânica Ligeira. Pois para vocês verem como as posições mais difíceis são tomadas, as soluções para esses problemas, nós fizemos uma Assembleia Geral extraordinária ao abrigo dos nossos estatutos, para pormos o assunto a todos os sócios e só depois da Assembleia se ter pronunciado favoravelmente é que nós entramos para a Coordenadora. Isto é só para vos dar um aspecto da total democracia operária.

Trabalhador B - Há um que vai sempre à reunião da Coordenadora, para que haja uma pessoa sempre a par do que lá se passa.

COMBATE - O controlo de toda a massa de trabalhadores aqui da cooperativa, passa por serem eles próprios a decidirem daquilo que se passa cá dentro. A

direcção, a comissão de trabalhadores, pode tomar decisões, pode fazer comunicados e informar o resto dos trabalhadores. Ora, o que é um facto é que pode acontecer que essas decisões sejam só tomadas pelos camaradas que estão na direcção e que os outros camaradas se limitem a tomar conhecimento através de comunicados das decisões tomadas pela direcção e mais nada. O que interessa aqui saber é o seguinte: se o papel de controlo de todos os trabalhadores sobre a cooperativa só se processa a esse nível ou como se processa?

Trabalhador A - Conforme disse à boca das decisões mais difíceis nunca são tomadas só pela direcção. São sempre auscultados todos os trabalhadores. Evidentemente que aqueles assuntos de rotina, aqueles assuntos de gestão normal, a direcção toma a decisão de os efectuar, como sejam as demarches junto dos bancos e entidades oficiais, procuras de trabalho, condições de pagamento com os clientes e com os fornecedores, quer dizer aqueles aspectos mais de gestão da cooperativa, normalmente a direcção toma essas decisões. Quando são decisões mais agudas são sempre ouvidos todos os trabalhadores. Vou focar, por exemplo, dois aspectos: o primeiro foi quando nós vimos que a única saída possível do momento para a solução do nosso problema era avançarmos para a solução cooperativa. Quando nós pensamos nisso, fizemos um plenário e auscultámos todos os trabalhadores, pusemos-lhes objectivamente os problemas e avançámos com a proposta. Todos eles concordaram em formar a cooperativa. Depois tivemos que pensar na elaboração dos estatutos. Esses estatutos foram elaborados pela então extinta comissão de trabalhadores e comissão de gestão (estivemos alguns meses a trabalhar em autogestão forçada devido ao abandono do ex-patrão). Elaborámos os estatutos com trabalho uniforme levámos semanas a trabalhar sem parar (uma semana até sábados e domingos) e e-



laborámos os estatutos. Depois disso nós, comissão de trabalhadores e de gestão da altura, eramos dez elementos, cada um desses elementos formava grupos de doze trabalhadores em comícios, digamos, em que lhes explicaram o que era uma cooperativa e lhes explicaram parágrafo a parágrafo o que eram os estatutos e o que eles queriam dizer. Passado uns tempos foi marcado um novo plenário onde foi então discutido em reunião geral de trabalhadores os estatutos da cooperativa e verificámos para satisfação nossa que de todos aqueles artigos que tínhamos feito, depois de todas as conversas e de toda a informação que tínhamos dado, que houve de facto interesse da parte de todos os trabalhadores, pois três desses artigos foram modificados nessa reunião.

Isto é só para vos dar uma ideia de que efectivamente toda a malta participa nas decisões mais graves da vida da cooperativa. **Trabalhador B** - Para comprovar todo o interesse no cooperativismo de todos os sócios basta dizer que todas as horas extras, todo o tempo que ultrapassa o horário normal, foi deliberado por unanimidade que não seriam pagas. Sempre que seja necessário trabalhar mais que o normal não se recebe mais por isso.

AUTOGESTÃO/COOPERATIVAS DIFERENÇAS SÕ JURÍDICAS?

COMBATE - O camarada acaba de dizer que passaram uns tempos em autogestão e que mais tarde entraram no sistema de cooperativa. Pessoalmente não vejo diferença em chamar a um sistema destes de autogestão ou de cooperativa. Se houver uma diferença será no aspecto jurídico. Ora eu queria saber já que falaste nos dois casos se vocês vêm outras diferenças além do aspecto jurídico entre a autogestão e o cooperativismo.

Trabalhador A - Bem, a diferença que há e no fim não é pequena, é a seguinte: nós a trabalhar em autogestão continuávamos a trabalhar em nome da antiga firma, continuávamos a ser "Francisco Maximo de Almeida", por isso não tínhamos poderes jurídicos para obrigar a firma. Mas depois ainda havia o problema de nos continuarmos a trabalhar indefinidamente e não podermos receber o produto do nosso trabalho junto das firmas para quem trabalhávamos, porque a maioria delas, quase a totalidade, eram firmas estatais ou par-estatais e autarquias locais. Foi aí que surgiram os problemas maiores. Na altura do antigo ministro do Trabalho Major Costa Martins, salvo erro por volta do final do terceiro, princípios do quarto governo, havia uma grande avalanche de comissões de trabalhadores no ministério do trabalho a tentar resolver como é que se podia obrigar a firma e nessa altura conseguimos obter uma credencial em nome de quatro elementos da comissão de trabalhadores que obrigava a firma para se poder movimentar o dinheiro: compras, vendas, cheques, etc.. Mas depois continuamos sempre a ter pressões do ex-patrão. Soubemos mais tarde que o patrão tinha ido para Inglaterra e deixou uma procuração ao seu advogado com plenos poderes para resolver todos os assuntos dele. O homem como nada pode fazer contra nós porque primeiro ele pôs nos três processos em tribunal: O primeiro processo foi de fecho das instalações e arrolamento dos bens. Contestámos esse processo e ele foi mandado arquivar pelo juiz. O segundo foi de restituição dos bens. Foi também arquivado. O terceiro processo e último, que foi a última tentativa para o capitalista nos pôr na rua foi ter pedido a falência da firma.

Ora o camarada está a ver, não se podia continuar a trabalhar em nome de uma firma que estava falida. A única solução, no momento, era avançarmos para a cooperativa, até porque não tínhamos personalidade jurídica e tínhamos que arranjar. Se continuamos aqui nas mesmas instalações não é pelos nossos bonitos olhos, não é porque as leis favoreçam os trabalhadores, não é porque os capitalistas gostem dos trabalhadores, é porque conseguimos firmar um contrato de arrendamento com o administrador da falência. Nós pagamos todos os meses a massa falida a renda das instalações e da maquinaria para podermos cá continuar.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

Regressámos**Os contactos com as outras empresas**

(Continuação p. 2)

COMBATE - Quando vocês se deslocam ao Ministério do Trabalho ou a qualquer outro lado, quem é que vai? É a Comissão de Trabalhadores ou um representante de cada obra?

Trabalhador B - Geralmente quando vamos ao sindicato ou ao Ministério do Trabalho juntamos o pessoal de todas as obras e entre o pessoal são escolhidos os elementos que vão. Ainda esta manhã se procedeu assim, e é sempre assim.

COMBATE - Vocês dentro da empresa são todos efectivos?

Trabalhador B - Eu sou um dos operários mais antigos - tenho 15 anos de casa. Há aqui indivíduos com 10, com 8, com quatro. Ninguém é moderno...

COMBATE - E vocês aqui na Dorsil têm contactos com outras empresas?

Trabalhador B - Temos sim: com a G.C. que também é do nosso patrão, que têm tído problemas em todo o lado. Mas aqui há uma história até engraçada: uma vez os trabalhadores fecharam-no numa casa e abriram a janela e disseram-lhe "Você não sai daqui enquanto não arranjar o dinheiro". Eram 11 horas, ou meia noite, os bancos estavam fechados e apareceu dinheiro para pagar os salários. Isto é motivo para que a classe operária desconfie sempre que o patrão pode ter dinheiro escondido.

Na A.C. em Tróia, ele diz que é bom patrão, que é tudo e que até foi saneado antes do 25 de Abril; é um bocado estranho antes do 25 de Abril... Ele nessa altura era administrador em 4 em-

presas, devia auferir aí uns cento e dez contos no total das empresas.

A Turitotal, em Setúbal - são uns restaurantes - e a G.C. são também dele. A Comissão de Trabalhadores da G.C. disse-lhe que para receber os 16 contos, tinha que picar o cartão todos os dias, e só vencia consoante o trabalho que lá fazia. Ele não quis e esse problema anda a arrastar-se em tribunal. O pessoal da G.C. apoia a nossa luta e todas as empresas a que ele pertence apoiam-nos.

COMBATE - E com outras empresas que não sejam da construção civil, têm contacto?

Trabalhador B - Não, ainda não chegámos a esse ponto, talvez por falta de iniciativa do pessoal cá das obras. Mas daqui por mais uns tempos, faremos o possível por manter conversações com todas as empresas, mesmo as grandes.

Um laçao do patrão

Trabalhador D - As minhas razões são quase as mesmas dos meus colegas; mas uma altura, em Algés, numa obra estava lá um serralheiro. O patrão disse "Nos estamos à rasca e temos que fazer serviços que não nos pertencam".

Então, esse serralheiro estava com um serviço de funileiro. Sentou-se durante dois ou três dias sem fazer nada. Depois veio para a oficina.

Nós como já tínhamos o dinheiro de mês e tal para receber, pensámos ir ao escritório, para sabermos qual era a nossa situação. O pessoal de Tróia também eram para vir, para ver se conseguiam uma convivência com a malta da oficina.

O patrão quando soube disse: "Rapazes, a malta de Setúbal vêm aí para nos estragarem a nossa vida, e nós não os deixamos entrar. Vocês tenham atenção que isto é muito importante".

Há uma bancada grande, em ferro, no meio da oficina, e o patrão - Domingos da Silva - pegou em dois ferros e disse "Nós aqui com eles é o género de uma guerra", e pegou nos dois pedaços de ferro e deu uma instrução "Eles vêm por aquela rampa acima, e nós não recuamos. Imediatamente corremos para eles e pomos-os na rua".

E aquele malandro do serralheiro, que lá em Algés nunca trabalhou, deu palmadas nas costas do patrão e disse "É assim mesmo Sr. Domingos, eu quero é o meu, e eles aqui não entram".

Quer dizer a malta da oficina decidiu só parar depois das seis. Ele preparou a malta para lutarmos uns contra os outros, e só não houve confronto porque nós, os das obras, resolvemos ir trabalhar e os de Tróia quando lá chegaram aquilo já estava tudo desfeito.

Aquele que esteve em Algés e mais alguns que não conseguem dar o rendimento da água que bebem e que não colaboram em nada, são os que dão palmadas nas costas do patrão e dizem que o que querem é o deles.

Trabalhador E - Foi pena não se ter dado esse confronto nas oficinas, que você acaba de contar, a gente não tunha conhecido. Ninguém avisou a gente, ninguém. A vizinhança lá das oficinas disseram para a gente "vocês não tenham me-

do que se houver alguma coisa, nós cá estamos para vos ajudar".

COMBATE - Antes do 25 de Novembro era mais fácil lutar contra o patronato, em geral. Depois do 25 de Novembro temos visto que a repressão se tem abastido sobre os trabalhadores. O que é que vocês pensam da situação política actual?

Trabalhador B - A gente está a notar isso, porque antes do 25 de Novembro quando a gente ia ao Ministério do Trabalho por problemas com a entidade patronal, nunca estivemos dois meses sem receber; lá obrigavam-no mesmo a pagar, até ameaçavam que o prendiam.

Chegou o 25 de Novembro e quando vamos ao Ministério do Trabalho, o patrão chega lá cumprimenta o doutor e diz "Sr. Domingos veja lá se você paga o pessoal". É a resposta do doutor a rir-se. Isto dá a impressão que estamos antes do 25 de Abril: quando a gente ia ao sindicato fazer uma queixa do patrão, íamos ao guichet, mas o patrão já estava dentro do guichet.

Estamos na mesma! Isto é talvez a opinião geral dos trabalhadores.

A união dos trabalhadores é a morte do capital

COMBATE - O que é que pensam que os trabalhadores devem fazer para lutar de uma vez para sempre contra o patronato?

Trabalhador B - É a união entre os trabalhadores. É a gente não ter medo deles. Estou convencido que a morte do capital é o trabalhador, porque somos nós trabalhadores que trabalhamos para eles. É a gente unir-se todos. Fazermos a nossa luta assim como esta paralisação. Ele pensa que nos deita abaixo, mas está enganado, porque se a gente não trabalhar ele também não come. E a gente pode argumentar-se um mês ou dois. E se em todo o país os trabalhadores lutassem contra o capital, estou convencido que os trabalhadores venciam. Agora, enquanto houver divisões entre os trabalhadores, acho que é um bocado difícil.

COMBATE - Além da burguesia, há também outras forças políticas, concretamente partidos políticos, que se dizem defensores da classe operária, que têm tido um papel equivalente ao da burguesia.

Há pessoas que dizem que a luta da classe operária tem que ser conduzida pelos próprios trabalhadores, através dos seus organismos de classe. Os trabalhadores organizam-se no local de trabalho e depois organizam-se com outras empresas, até criarem a sua própria organização a nível de todo o país, e assim lutaram contra a burguesia, e serem eles próprios a construir a nova sociedade que procuram.

Outras forças políticas dizem que não é assim, que os trabalhadores são muito revolucionários, mas não conseguem sozinho chegar a uma nova sociedade, por isso têm que se organizar num partido político e é esse partido que vai conduzir os trabalhadores à revolução. O que é que pensam disto?

Trabalhador B - Acho que não, que até é uma asneira. Acho que o trabalhador é tão inteligente como aquele que está à frente de um partido, a maior parte deles é para ganharem nome. A malta está convencida que se alguém chega a doutor é porque tem posses, não foi porque foi mais inteligente. Se eu sou pintor e o outro é carpinteiro ou pedreiro é porque não teve posses para chegar mais adiante e a gente vê pelo nosso patrão que era pintor e não tem mais do que a quarta classe. E ao fim e ao cabo não é mais do que a gente. Eu penso que a malta que trabalha não pode ter complexos de eles serem doutores ou engenheiros que sabem mais do que a gente. Eles têm aquele curso mas não quer dizer que sejam mais inteligentes do que nós. Na classe operária houve inteligências mas aconteceu que foram mal aproveitadas. Eu quando fui fazer o exame da quarta classe, fui descalço e fui com uma lapiseira emprestada e com um caderno de 22 folhas. E porquê? Porque a minha mãe tinha cinco filhos e o meu pai tinha morrido na altura. Agora o filho de um burguês, com bons vencimentos têm mais possibilidades de continuarem. É nisto que eu vejo que não ser doutor ou engenheiro que são mais inteligentes do que a classe operária.

ao trabalho

COMBATE - Pois, os operários podem não falar tão bem como os doutores, mas uma coisa é certa: sabem muito bem da vossa vida e como devem resolver os vossos problemas.

Trabalhador B - Exactamente e estamos convencidos que isto só andará para a frente quando forem os próprios trabalhadores a resolver os problemas da classe operária. Não pode ser um indivíduo, por exemplo filho de um arquitecto, um indivíduo que pouco soube o que era andar descalço, que nada soube o que é andar à chuva, o indivíduo que pouco soube o que é passar fome, um indivíduo que não soube o que é chegar a casa e não ter calças para mudar porque estava molhado, esse indivíduo nunca pode dar uma ideia do que é sofrer, enquanto que os trabalhadores sabem isso tudo. E a mesma coisa se passa com os contratos de trabalho, que são feitos por indivíduos que nunca trabalharam. Acho que o contrato de trabalho deve ser feito por quem trabalha, porque só ele está ao alcance de dar o justo valor a quem trabalha.



Os partidos são uma charada

Trabalhador E - Essa coisa de partidos políticos é tudo uma charada que ao fim e ao cabo é como numa conversa de padres que nos tratam a nós como ovelhas e ele é o pastor que guarda as ovelhas. E os partidos com a conversa deles é quase a mesma coisa, ao fim e ao cabo dizem assim: eu sou o pastor e toco-vos com o bordão e as ovelhas vão para onde eu quero. Mas eu acho que essa coisa de partidos, de ala direita e ala esquerda é tudo uma charada. O que interessa é a justiça e isso é que é válido. Não é basófia, não é aldrabices e vigarices que é como andam para aí a fazer e é tudo à procura do tacho, e quem melhor se agarrar ao tacho, melhor fica. Se realmente querem o socialismo para todos e não para um ou dois. O meu partido é a justiça, o bem da classe trabalhadora. Mas infelizmente em lugar de cravos devia ter sido uma outra coisa que eu cá sei. Devia-se ter feito tudo à maneira de Fidel Castro e encostá-los ao muro e enterrar tudo o que estivesse por dre.

O socialismo nunca se pode fazer enquanto houver senhores a ganhar 20 ou 30 contos, pois estas pessoas nunca podem estar de acordo com a classe operária, porque eles não querem a igualdade. Eles tinham os seus caminhos, os seus privilégios e faziam tudo o que queriam, faziam as injustiças de toda a ordem e então esses senhores nunca podem estar de acordo com o socialismo, porque caso contrário, eles têm que bulir, têm que trabalhar. Agora o resto, é tudo uma vigarice, que eu não vou atrás dos partidos políticos e eles só andam a criar divisão entre os próprios operários. E andam todos a criar partidos porque todos querem tacho e o desgraçado do trabalhador é que tem que aguentar com a carga toda.



CORRESPONDÊNCIA

Camaradas:
(...)

Acabaram as eleições para este ano, na Volvo. Isto faz-me lembrar que, na minha última carta (transcrita no **COMBATE** nº36 de 13/2/76), havia um erro: eu disse que só 10% dos trabalhadores da Volvo votaram nas últimas eleições sindicais, mas o número correcto deve ser 20%. Parece-me que isto não altera coisa alguma visto que a maior parte dos trabalhadores que votam são membros ou simpatizantes ou da social-democracia - SAP ou VPK e de vários agrupamentos de esquerda.

Este ano votaram 27% dos trabalhadores, isto é um pouco menos de 3.000, o que é cerca de mais de 700 do que no ano passado. A oposição sindical obteve 23-24% (759 votos), enquanto que o SAP obteve 2.140 votos. Isto significa que a oposição ao SAP aumentou. No ano passado não houve Oposição Sindical. Em vez disso, houve uma eleição partidária. O SAP tinha uma lista com os seus candidatos e o VPK outra; nessa ocasião o VPK obteve 16% dos votos. Aqui na Suécia o SAP tenta sempre transformar as eleições sindicais em eleições partidárias e o VPK muitas vezes alinha nisso.

Por isso hoje é a esquerda que argumenta a favor de eleições não partidárias, isto é, dizem que os bons trabalhadores militantes devem ser eleitos, qualquer que seja o partido ou grupo a que pertençam.

Em certas regiões, a Oposição Sindical foi muito forte na Volvo e isto aconteceu nos locais onde trabalhava a maior parte dos seus membros.

A oposição avançou com três pontos fundamentais: contra a burocracia sindical; contra a grande velocidade das linhas de montagem; forçar a companhia a negociar aumentos salariais (o director gerente da Volvo, Per Gyllenhammar disse que não haverá aumentos salariais para além dos que tinham sido negociados o ano passado).

Decorreram várias eleições sindicais a semana passada e, de uma maneira geral a social democracia fortificou as suas posições.

O desemprego continua a aumentar e atingiu agora 92.000 que é cerca de 2% e pelo menos 36.000 têm menos de 25 anos.

QUERO ASSINAR O **COMBATE** DESDE O Nº ...

1 ano (26 números) 96\$00
6 meses (13 números) 48\$00
Apoio (anual) 120\$00 mínimo
Europa (anual) 212\$00 por avião
USA (anual) 264\$00 por avião
Angola (anual) 216\$00 por avião

QUERO VENDER ... EXEMPLARES DO **COMBATE**

Junto envio\$...

(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome do director)

CAMARADA:
A NOSSA SOBREVIVÊNCIA
ESTÁ NAS TUAS MÃOS

O jornal **COMBATE** é uma tribuna aberta à expressão de todos os trabalhadores e oprimidos em luta.

É também um meio pelo qual os trabalhadores podem trocar as suas experiências e aumentarem assim a sua organização autónoma no combate contra o capitalismo.

O **COMBATE** que se apoia somente nos trabalhadores, que não é órgão de nenhum partido ou grupo político, tem que lutar pela sua sobrevivência económica. Dia a dia novos problemas económicos surgem: aumento das tarifas de correio, atrasos na distribuição e no pagamento da distribuidora, novos preços de impressão, etc..

Se achas que o **COMBATE** tem a sua razão de ser na luta dos explorados e dos oprimidos, APOIA-NOS TORNANDO-TE ASSINANTE E TORNANDO ASSINANTES OS TEUS AMIGOS E CAMARADAS.

Um verdadeiro desemprego de jovens. O Estado está actualmente a tentar arranjar empregos a tempo parcial para esta juventude desempregada, em hospitais, etc.

Os preços totais subiram de 11,1% em 1975.

Os trotskistas do KAF estão muito orgulhosos dos seus feitos na Volvo e reivindicam-se de uma grande vitória. O KAF incita grandemente à formação de oposições sindicais com militantes de diferentes grupos e com trabalhadores que não pertençam a qualquer grupo/partido. Penso, que eles estão interessados em formar estes grupos de oposição em conjunto com membros do VPK.

Nas eleições nacionais o VPK obtem normalmente 5-6% dos votos. Haverá eleições na Suécia no Outono eo KAF vai entrar no carrocel da burguesia. Também se proclamaram como sendo o começo de um novo partido comunista dos trabalhadores.

(...)

Fraternalmente,

K.

Goteborg, 27 de Fevereiro de 1976

TEXTIL SOUSABREU Reconstruiremos a Fábrica

CARIDES Trabalhadores Suspensos

Publicamos a seguir uma pequena entrevista com um operário da empresa CARIDES, Vermoim, Vili Nova de Famalicão.

A entrevista foi realizada por um trabalhador não ligado ao COMBATE, a nosso pedido. Pensamos publicar uma entrevista mais detalhada, próximamente.

Trabalhador - És um trabalhador da Carides?

Operário - Sou.

Trabalhador - Em que turno trabalhas?

Operário - No terceiro turno.

Trabalhador - Eras capaz de explicar o que se passou na tua fábrica, os últimos acontecimentos?

Operário - Sou. Tudo começou com um abaixo assinado para o afastamento dos elementos mais progressistas da Comissão Sindical.

Trabalhador - A suspensão foi feita?

Operário - Não. Depois o patronato queria queimar os ficheiros de produção, para isso quis suspender o colega Dinis, operário que toma conta dos ficheiros. Logo que o Dinis soube que era suspenso por isso alertou os trabalhadores do que se estava a passar. Assim o patronato tentou ir sacar os ficheiros.

Trabalhador - Conta mais pormenorizadamente o que se passou nessa altura.

Operário - Três dos administradores e quatro trabalhadores se encontravam nos escritórios da empresa, um grupo de sete trabalhadores apareceu no local quando os quatro lacaio e os patrões lhes apontaram as armas, duas caçadeiras e dois revólveres. Um dos sete conseguiu fugir e foi avisar os trabalhadores. Estes entraram logo, deixaram de trabalhar para ir ajudar os colegas que estavam presos.

Quando se deslocavam para os escritórios foram disparados, de uma janela, tiros de caçadeira. Entretanto apareceu a GNR que serviu de medianeira no conflito.

Depois feito um plenário de trabalhadores, onde foi exigida a presença dos patrões estes disseram que não estavam em condições psico-mentais para irem ao plenário. Foi marcado outro plenário em que o patronato foi obrigado a responder às perguntas dos trabalhadores.

Foi sabido depois que conseguiram queimar metade do ficheiro.

Trabalhador - Depois o Dinis foi suspenso?

Operário - Não. Obrigámos o patronato a ceder e os ficheiros passaram para as nossas mãos.

Trabalhador - E agora não sabe nada do que se passa?

Operário - Não, não sei, porque ando de baixa e não tenho ido trabalhar.

Esta fábrica tinha como único dono o capitalista Abreu que durante 10 anos super-explorou 40 operários. A média de salários em Setembro de 1974 era de 1.500\$00, 1.700\$00. As condições de trabalho eram péssimas. O maquinismo era velho. Assim ao fim desse tempo o Abreu consegue capital suficiente para montar uma nova fábrica, completamente modernizada, em Moreira de Cónegos.

A 11 de Setembro de 1974 o Abreu decreta falência na Sousabreu e despede os operários sem direito a indemnizações.

Os operários ocupam a fábrica, elegem uma comissão de gestão e começam a trabalhar em autogestão. Com a solidariedade de trabalhadores da zona organizam uma colecta para comprarem matéria prima e impedem por diversas vezes a sua expulsão e selagem da fábrica pela polícia e tribunal.

Face ao boicote dos antigos clientes e dos comerciantes em geral conseguem mobilizar a solidariedade de muitos trabalhadores, organizando postos de venda desde o Porto a Évora, em Comissões de trabalhadores e Comissões de Moradores, que foram assegurando a venda da sua produção.

Aumentam os seus próprios salários de 1.500\$00 e 1.700\$00 para 3.300\$00, salário mínimo nacional. Aumentam a capacidade de produção da fábrica, passando de sete(7) para trinta (30) o número de teares em funcionamento.

SÓ UM INCENDIO CONSEGUIU INTERROMPER ESTA LUTA DE HÁ ANO E MEIO; CONTRA OS DESPEDITOS, AS MANOBRAS E A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA

Como foi divulgado (mal) através de poucos órgãos da informação, no fim da semana passada, os prejuízos causados pelo fogo ascendem a mais de 2.500 contos, tendo sido inutilizadas as principais máquinas, o que impede de momento a continuidade de laboração. O risco coberto pelo seguro representa uma pequena parte do montante dos prejuízos.

SANIMAR

(Continuação p. 1)

Mais tarde, e aproveitando-se da ausência do Gestor Público, o Governo contradiz-se. Por despacho forjado em gabinetes de luxo e mais uma vez nas costas dos trabalhadores, pelos senhores "democratas" Marcelo Curto, Salgado Zenha e Walter Rosa. Responsáveis respectivamente pelos Ministérios do Trabalho; Finanças e Tecnologia, impunham a substituição da actual Comissão de Gestão, composta por trabalhadores e um gestor público.

No dia 8 deste mês três senhores "democratas", bem falantes - JOSÉ JANSON VERDADES, LUIS GALVÃO MARRECA FERREIRA e o ex-major JOÃO MANUEL DE MELO MERIZ FERNANDES (implicado no 11 de Março) - passado por cima de tudo e todos, inclusivamente pela Comissão de Trabalhadores, contactaram a Comissão de Gestão, para (ao laia do antigamente) ordenarem "somos os vossos substitutos" e logo, naquele momento, um desses elementos pretendeu começar a exercer funções, atendendo o telefone em nome da Comissão.

a luta continua

A luta dos operários da Sousabreu é um exemplo para a classe operária e todo o povo em luta contra a sabotagem dos patrões, contra o desemprego, a fome e a miséria a que nos arrasta o sistema capitalista.

A luta dos operários da Sousabreu é uma prova inequívoca de quanto vale a força de solidariedade do povo trabalhador na luta pela sobrevivência e pelo fim da submissão.

Mas esta luta necessita, agora mais do que nunca, da solidariedade de todos os explorados e conta com ela, pois **SÓ OS TRABALHADORES LIBERTARÃO OS TRABALHADORES.**

Formemos comissões de solidariedade nos bairros e nos locais de trabalho. Façamos coletas, organizemos espectáculos, tentemos de todas as formas angariar fundos.

**RECONSTRUIREMOS A FÁBRICA
CONTINUAREMOS A LUTA**

- | | |
|--|----------------------------------|
| C.M. DA BOÇA | COMISSÃO DE MORADORES DA VITÓRIA |
| C.M. DO SEIRO | C.M.E. ROZE |
| C.M. FREIXA VELHA E FURNICA | C.M. DO CAMPO 24 DE AGOSTO |
| C.M. DA SÉ | C.M. DE S.MARCO-CENTRO |
| C.M. VALA DE SOUSA | C.M. GERVISE |
| C.M. CIDOPETA | C.M. DO BAIRRO DA CAIXA |
| ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE S. VICTOR | C.M. DA IGREJA VELHA |
| ASSOC. N. DA BIA DE TERRELAIS | C.M. DAS FORTALEZAS |
| CONFERENCIA POPULAR DE S. FOCOS DA LAMETA | C.M. COMBATENTES |
| COMISSÃO DE MORADORES DO BAIRRO DE S. TOMÉ | C.M. ARABIDA |
| COMISSÃO CENTRAL DOS BAIRROS CAMBARIOS | C.M. CARVALHEIRO |
| INTER-COMISSÕES DE MORADORES DE MATOSINHOS | C.M. PRACOS |
| CENTRO DE CULTURA POPULAR DO PORTO | C.M. SOVISTA |
| COMISSÃO DE TRABALHADORES DE SOUSABREU | C.M. DE CONTIMIL |
| | C.M. DA LAPA |
| | C.M. DO IRAL |
| | C.M. BURGATA |
| | C.M. DO BAIRRO DA MADUA |

PORTO, 20 DE FEVEREIRO DE 1976



desenho de Bonna CCO

Ao darem conta destas atitudes anti-operárias; anti-democráticas; anti-tudo, os trabalhadores dirigiram-se ao local onde se encontrava a pseudo-Comissão de Gestão e após algumas trocas de impressões (e verificadas quais as intenções desta nova "Comissão", que mais não era em princípio do que o encerramento provisório da Empresa), deliberaram colocar de imediato estes três personagens bem falantes na RUA.

E a todos se procede desta forma, desde que se não apresentem condignamente aqueles que tudo fazem neste País - OS TRABALHADORES.

Lisboa, 10 de Março de 1976

**ABAIXO OS LACAIO DO PATRONATO!
ABAIXO OS DEFENSORES DO CAPITAL
TRABALHADORES UNIDOS E ORGANIZADOS
VENCERÃO**

A LUTA CONTINUA

A Comissão de Trabalhadores
A Comissão de luta e Vigilante.